

AS HERANÇAS DA MODERNIDADE E O CHEIRO DA MULHER NEGRA: A RESSIGNIFICAÇÃO DOS AROMAS E A CICATRIZAÇÃO DE FERIDAS¹

Laís Gabriela da Silva²

Ivan Ignácio Pimentel³

357

Resumo. Neste artigo buscamos [re]significar o cheiro da mulher negra. Inspirados a partir de Gonzalez (1984) que, “na boa”, fez a “voz do lixo ser ouvida”. Ao longo do trabalho, analisamos o modo como, a partir do cheiro do lixo, desde o Brasil Colônia, de forma paradoxal, os corpos negros vêm sendo desejados e, ao mesmo tempo, rejeitados. Em ambos os casos, mostramos que as perspectivas do animalizado e hipersexualizado, oriundas da modernidade, funcionam como uma bússola que norteia a colonialidade do ser presente no nosso cotidiano, principais responsáveis pelas feridas que assolam diversas mulheres negras. Para desenvolvermos o trabalho, optamos em utilizar a metodologia de análise do conteúdo. Compreender o corpo da mulher negra a partir de herdeiros que cruzaram o Atlântico, trazendo o cheiro da inteligência, solidariedade e intelectualidade é por nós considerado um importante passo para rompermos os grilhões da modernidade.

Palavras-chave: Cheiro; Colonialidade; Espaço; Gênero; Poder.

THE HERITAGES OF MODERNITY AND THE SMELL OF THE BLACK WOMAN: THE REDEFINITION OF AROMAS AND WOUNDS CICATRIZATION

Abstract. In this article we seek to [re] signify the smell of the black woman. Inspired by Gonzalez (1984), who “made the most of it”, made the “voice of garbage be heard”. During this paper we analyzed how, from the smell of garbage, since Brazil Colony, paradoxically, black bodies have been desired and at the same time rejected. In both cases, we show that the perspective of the animalized and

¹ O presente trabalho é fruto do projeto de Iniciação Científica “A Espacialidade de São João del-Rei a partir da Perspectiva Decolonial: Narrativas Negras e a [re]significação espacial, desenvolvido desde início de 2020 até a presente data.

² Graduanda em Geografia pela Universidade Federal de São João del-Rei e Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Geografia Humana Aplicada (GHAP), Universidade Federal de São João del-Rei, lais.gabriela@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-4029-2293>

³ Professor Adjunto da Universidade Federal de São João del-Rei e Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Geografia Humana Aplicada (GHAP), Universidade Federal de São João del-Rei, ivanpimentel@ufsj.edu.br, <https://orcid.org/0000-0002-8174-4241>

Silva e Pimentel, *As heranças da modernidade e o cheiro da mulher negra: a ressignificação dos aromas e a cicatrização de feridas*

Doi: 10.51308/continentes.v1i21.351

hypersexualized, originating from modernity, works as a compass that guides the coloniality of being present in our daily lives, mainly responsible for the wounds that plague many black women. To develop the work, we chose to use the content analysis methodology. Understanding the body of the black woman from heirs who crossed the Atlantic bringing the smell of intelligence, solidarity and intellectuality is considered by us to be an important step towards breaking the fetters of modernity.

Keywords: Smell; Coloniality; Space; Gender; Power.

LAS HERENCIAS DE LA MODERNIDAD Y EL OLOR DE LA MUJER NEGRA: LA REDEFINICIÓN DE LOS AROMAS Y LA CURACIÓN DE HERIDAS

358

Resumen. En este artículo buscamos [re] significar el olor de la mujer negra. Inspirándonos en Gonzalez (1984), a quien “aproveché al máximo”, hizo que “se oyera la voz de la basura”, al largo de la obra analizamos como, a partir del olor a basura, desde la Colonia Brasil, paradójicamente, se han deseado cuerpos negros y al mismo tiempo rechazado. En ambos casos, mostramos que la perspectiva del animalizado y hipersexualizado, proveniente de la modernidad, funciona como una brújula que guía la colonialidad de estar presente en nuestra vida cotidiana, principal responsable de las heridas que aquejan a muchas mujeres negras. Para desarrollar el trabajo, optamos por utilizar la metodología de análisis de contenido. Entender el cuerpo de la mujer negra de los herederos que cruzaron el Atlántico trayendo el olor de la inteligencia, la solidaridad y la intelectuality es considerado por nosotros como un paso importante para romper las cadenas de la modernidad.

Palabras clave: Olor; Colonialidad; Espacio; Género; Poder.

Introdução

“O colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada. Uma ferida que dói sempre, por vezes infecta, e outras vezes sangra.” (KILOMBA, 2019, posfácio)

No atual contexto da sociedade, apesar das inúmeras conquistas dos movimentos negros, diversas “feridas” criadas pelo binômio colonialidade/modernidade

Silva e Pimentel, *As heranças da modernidade e o cheiro da mulher negra: a ressignificação dos aromas e a cicatrização de feridas*

Doi: 10.51308/continentes.v1i21.351

permanecem abertas e “sangram” a todo instante em que instrumentos hierárquicos são usados para se referir a nós. Esses dispositivos que nos animalizam e nos tratam como infantilizados sempre são utilizados como armas as quais nos inferiorizam e tentam naturalizar espacialidades específicas para os nossos corpos.

Através de uma pequena visita introdutória à modernidade, vemos que ela opera em nossos corpos e aborta os nossos sentidos. A nossa forma de expressão é inferiorizada e o idioma do colonizador é amplo e moderno. Nossa visão é destituída de beleza, pois o belo passa a ser determinado pelos olhos que nos violentaram. Nossa audição para de ouvir a sonoridade dos nossos símbolos e ritos religiosos e passam a escutar palavras que em nome de “deus” destroem toda nossa ancestralidade. Nossos toques sensíveis e nossa arte são associadas aos sentimentos animais e nosso olfato passa a sentir o cheiro que nos foi destinado: o do lixo.

Ao lembramos da célebre frase de Gonzalez (1984, p. 225), “agora o lixo vai falar”, compreendemos como a sociedade brasileira nos enxerga e qual espaço devemos ocupar. Afinal, ao pensarmos no lixo, de forma espontânea indagamos: qual é o lugar do lixo na sociedade? Além disso, cabe ressaltar que muitas vezes o lixo produz um cheiro indesejado, chamado de chorume⁴ e, diante do exposto, seria esse o cheiro do negro na sociedade brasileira?

Diante das muitas “feridas que estão abertas” e ainda hoje “sangram”, dar continuidade à “voz do lixo” é uma tarefa árdua e, ao mesmo tempo, necessária devido ao lugar que é destinado aos nossos corpos. Dessa forma, o objetivo central do trabalho é a realização de uma abordagem que contemple os cheiros, que por vezes nos rodeiam, uma vez que ainda somos tratados como “lixo”. Para atingirmos a finalidade proposta, realizaremos um debate que abordará o odor do corpo da mulher negra como uma marca, elemento

⁴ Mau cheiro provocado pela retenção de água com matéria orgânica em decomposição, resultando em um material com cheiro desagradável e altamente poluente.

historicamente utilizado para espaços que nos foram negados, fazendo delas um “não-sujeito”, um ser incapaz de fazer parte do processo civilizatório.

Buscaremos demonstrar o quanto o cheiro da mulher negra, criado e estabelecido pela colonialidade/modernidade, subalternizou, violentou e invisibilizou nossos corpos. Entretanto, ao [re]significarmos o cheiro sexualizado que ainda cria feridas, observa-se que o cheiro da mulher negra atualmente está na academia, possui autoridade e desejos que vão muito além de um corpo sexualizado. O corpo feminino tem voz, força e vontades e hoje ocupa importantes espaços. Logo, “se o lixo agora vai falar”, evidenciar de modo crítico as lógicas de dominações e tentativas de domesticação do corpo da mulher negra e discutir sobre a temática é algo que se faz extremamente necessário no atual contexto da sociedade brasileira.

Carneiro (2005) expôs diferentes instrumentos que ao longo do tempo legitimaram e naturalizaram as formas de dominação a partir de uma perspectiva racializada. Observamos uma forte correlação entre corpos e espaços através da existência do contrato racial, pois este, de certo modo, se respalda em pactos, nos quais todos os cidadãos devem se submeter às leis do Estado para que haja o seu pleno funcionamento. Entretanto, o enredo se difere do contrato racial, tendo em vista que neste último os negros são subjugados, inferiorizados e a todo instante espacialidades acessadas pelos brancos lhes são negadas.

Assim, o contrato racial foi produzido para determinar papéis sociais a partir de um único olhar privilegiado, desprezando por completo a perspectiva de uma sociedade ampla e heterogênea. Em outras palavras, o contrato racial nada mais é do que um instrumento que legitima formas de dominação mediante um modelo hierárquico que considera o negro como “um ser incompleto” ou “em construção” que ainda não atingiu o nível de civilidade necessário para dialogar com o homem branco e definir suas

Silva e Pimentel, *As heranças da modernidade e o cheiro da mulher negra: a ressignificação dos aromas e a cicatrização de feridas*

Doi: 10.51308/continentes.v1i21.351

espacialidades. Por isso é preciso ser tutelado, controlado por quem entende todas as nuances da sociedade brasileira.

Para a elaboração do trabalho, além da necessidade de dialogar com uma bibliografia pertinente, realizamos um roteiro de entrevistas semiestruturadas, as quais foram respondidas por dez mulheres negras⁵. Grande parte delas estão inseridas no ambiente acadêmico, como professoras e alunas, e apenas uma interlocutora trabalha no setor terciário, mais especificamente na atividade de comércio. Contudo, não foi possível realizar as entrevistas pessoalmente devido à pandemia do Covid-19 e à necessidade do distanciamento social. Desse modo, as perguntas foram reconfiguradas em formato de formulário para que elas pudessem ser respondidas de forma virtual.

Para analisar as respostas obtidas, foi aplicada a metodologia de análise de conteúdo, a qual nos permite uma objetividade maior e nos direciona ao caminho que desejamos, a fim de relacionarmos a teoria aos discursos obtidos. A elaboração de gráficos também é uma característica desse método, pois através deles é possível obtermos informações da realidade das interlocutoras. Desse modo, conseguimos ir além do olhar imediato, pois consideramos as experiências expostas e confirmamos, de certa forma, a hipótese aqui levantada.

De de uma forma geral, os trabalhos acadêmicos usam o pronome na terceira pessoa, mas acreditamos que o uso pronominal na terceira pessoa traga neutralidade para o trabalho científico. Tal neutralidade pode ser chamada de “visão branca dominante”, por isso optamos por fazer uso da primeira pessoa, já que ao dialogar com as respostas das nossas interlocutoras sofremos e, em diversos momentos, vimos nossas feridas sangrarem. O uso da primeira pessoa também demonstra o nosso posicionamento político diante do racismo que ainda está enraizado na sociedade brasileira. Não somos

⁵ Ao longo do texto utilizaremos nomes fictícios para preservarmos a identidade das nossas interlocutoras.

Silva e Pimentel, *As heranças da modernidade e o cheiro da mulher negra: a ressignificação dos aromas e a cicatrização de feridas*

neutras, fazemos parte do que construíram como lixo, entretanto saímos deste lugar, decidimos vocalizar e falar sobre nós, acerca do nosso cheiro.

Sabendo que a centralidade da proposta é o cheiro da mulher negra, o presente trabalho se conduzirá a partir de três momentos. Na primeira parte, realizaremos uma abordagem sobre o binômio colonialidade/modernidade, ressignificando o corpo da mulher negra. Se o “Século das Luzes” foi um momento que delegou aos nossos corpos a escuridão e o mau cheiro, atribuindo espacialidades marginais, hoje começamos a vislumbrar a desconstrução de uma verdade única que através da linguística determinava o cheiro dos corpos negros de modo a considerá-los primitivos, animalizados ou até um lixo passível de eliminação para não contaminar o ambiente dito “civilizado”.

No segundo momento, consideramos relevante a realização de um debate que contemple a dualidade presente no corpo negro, pois o mesmo corpo que é excluído de diversas espacialidades é constantemente desejado para a realização de desejos e fetiches. A modernidade/colonialidade que subalterniza os corpos a partir do cheiro também os hipersexualiza e os transforma em objetos de desejo, vistos como uma espécie de “atrativo sexual”. Fato este que, através de diálogos com nossas interlocutoras, nos conduz a refletirmos sobre a vulnerabilidade do corpo da mulher negra.

Por último e não menos importante, para [re]significarmos o cheiro da mulher negra, contemplaremos brevemente os diversos cheiros das mulheres negras e suas espacialidades no atual contexto da sociedade, pois apesar de todo desprazer e racismo cotidiano vivenciado por diversas mulheres negras ao longo dos seus anos de vida, o corpo negro possui o cheiro da inteligência, da capacidade de ocupar espaços anteriormente negados. Inspirados em mulheres como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Giovana Xavier, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Bia Onça, Geny Guimarães e Rita Montezuma, observamos que é o momento de retirar a máscara do silenciamento

Silva e Pimentel, *As heranças da modernidade e o cheiro da mulher negra: a ressignificação dos aromas e a cicatrização de feridas*

Doi: 10.51308/continentes.v1i21.351

e demonstrar que os cheiros das mulheres negras se fazem presentes em espacialidades antes inimagináveis. Embora compreender o cheiro desses corpos, se posicionar e opinar ainda seja algo conflituoso, torna-se fundamental desconstruirmos narrativas que ainda hoje provocam sentimentos de inferioridade e subalternização de diversas mulheres negras.

Da escuridão do Século das Luzes ao alvorecer do mundo contemporâneo: do cheiro do lixo à fragrância atual da mulher negra

363

A escravização dos corpos e da mente dos descendentes de africanos na diáspora negra é uma marca histórica que ainda sentimos no nosso cotidiano. Embora o colonialismo como um sistema econômico tenha usurpado as riquezas do Brasil, a colonialidade foi um importante instrumento de poder que moldou nossos corpos e determinou nossas espacialidades. A partir de um modelo hegemônico, podemos afirmar que este foi capaz de modificar comportamentos e criar hierarquias sociais, privilegiando, através de estruturas de poder, os indivíduos classificados como brancos. Através de Lilia Schwarcz (2019), observamos o quanto o sistema escravocrata foi perverso e tomou conta de diversas espacialidades, pois para a autora,

no Brasil, o sistema escravocrata transformou-se num modelo enraizado que acabou se convertendo numa linguagem, com graves consequências. Grassou por aqui, do século XVI ao XIX, uma escandalosa injustiça amparada pela artimanha da legalidade. Como não havia nada em nossa legislação que vetasse ou regulasse tal sistema, ele se espalhou por todo país, entrando firme nos “costumes da terra”. Imperou no nosso território uma grande bastardia jurídica, a total falta de direitos de alguns perante a imensa concentração de poderes nas mãos de outros (SCHWARCZ, 2019, p. 27).

Ao dialogarmos com a autora, observamos que o corpo negro é construído por meio de uma perspectiva essencialista, que ao estabelecer padrões identitários determina limites entre o “eu” e a exterioridade. Para Silva (2013), a modernidade cria modelos de

Silva e Pimentel, *As heranças da modernidade e o cheiro da mulher negra: a ressignificação dos aromas e a cicatrização de feridas*

identidade a partir de uma perspectiva relacional, de modo que, ao estabelecer o branco como símbolo civilizatório, determina ao negro o papel de um ser que age instintivamente e não reconhece sentimentos do mundo civilizado. Ao construir limites entre indivíduos, o modelo hegemônico, mediante a construção de raças e de um sistema hierárquico, estabelece papéis sociais e desconsidera por completo as diversas experiências dos corpos negros.

Isso pode ser também observado na abordagem de Moraes (1986) sobre a Geografia Clássica. Independente das disputas entre França e Alemanha, Ratzel com a teoria do espaço vital e La Blache com a Geografia Colonial foram importantes instrumentos que legitimaram, a partir da perspectiva essencialista, a subalternização da população negra e a expansão neocolonial. Muito mais do que a ampliação de fronteiras de ambos os países, atestaram que a fronteira do corpo é a pele.

Ao observarmos o estabelecimento de fronteiras baseados na questão racial, a modernidade torna-se um importante instrumento capaz de significar o que é negro. Por meio dos binômios observa-se que a palavra “negro” passa a ser associada a coisas não muito interessantes. Frases como “a coisa tá preta”, “denegrir a imagem”, “trabalho feito nas coxas”, “cabelo de bombрил” retratam bem como diversas situações do cotidiano utilizaram a palavra negro ou preta para se referirem a situações consideradas ruins.

Ao criar padrões, a modernidade constrói e interioriza em nós elementos naturalizados no cotidiano social, fazendo de nós os diferentes, anormais ou estranhos. Por isso, ter a percepção da nossa própria beleza é uma tarefa árdua, pois fomos ensinados a odiar o que é preto e a idolatrar o que é branco. Dessa forma, muitas mulheres negras trilharam um árduo caminho para se enxergarem como bonitas, embora ver a nossa formosura seja algo gratificante.

Silva e Pimentel, *As heranças da modernidade e o cheiro da mulher negra: a ressignificação dos aromas e a cicatrização de feridas*

Doi: 10.51308/continentes.v1i21.351

Logo, a branquitude não somente segue sendo um modelo estético e comportamental, mas o determina. Durante muito tempo e para muitos, ainda hoje, não é bonito ter cabelo *black*. Diversas são as vezes que nos perguntam “como lavamos nosso cabelo”, porque até os dias atuais se remete o cabelo crespo à sujeira, como se fosse algo não higiênico. Nas páginas da história, observamos que o branco tem um hábito colonial em ditar modelos de beleza para os negros. Uma hierarquização de raça foi instaurada no período colonial e no nosso cotidiano ainda conseguimos enxergar essa necessidade branca de estar sempre impondo, ordenando, ditando, entre outros sinônimos usados para colocar os brancos no topo da hierarquia social. Isso também pode ser observado através de comportamentos e códigos de conduta pautados pelo processo civilizatório. Ao adotar regras que determinam a corporeidade de homens e mulheres, somos sempre associados à falta de educação, à animalização, às brigas e aos modos considerados como “anormais”. O ato de se manifestar pelos nossos direitos ou quando nos sentimos incomodados é algo natural, entretanto, em Gonzalez (1984), observamos que não é tão interessante quando nos manifestamos, pois,

Tava armada a quizumba. A negrada parecia que tava esperando por isso prá bagunçar tudo. E era um tal de falar alto, gritar, vaiar, que nem dava prá ouvir discurso nenhum. Tá na cara que os brancos ficaram brancos de raiva e com razão. Tinham chamado a gente prá festa de um livro que falava da gente e a gente se comportava daquele jeito, catimbando a discursadeira deles. Onde já se viu? Se eles sabiam da gente mais do que a gente mesmo? Se tavam ali, na maior boa vontade, ensinando uma porção de coisa prá gente da gente? Teve uma hora que não deu prá agüentar aquela zoada toda da negrada ignorante e mal-educada. Era demais. Foi aí que um branco enfezado partiu prá cima de um crioulo que tinha pegado no microfone prá falar contra os brancos (GONZALEZ, 1984, p. 223).

Através da autora, observamos que para os brancos não é bonito chegar em algum lugar e gritar, se expressar como quiser, não é bonito ser negro. Interessante é o que assim nos é ensinado. Nesse episódio, a “negrada ignorante mal-educada” se fez presente

Silva e Pimentel, *As heranças da modernidade e o cheiro da mulher negra: a ressignificação dos aromas e a cicatrização de feridas*

pura e simplesmente por não concordar com o papel de “objeto de pesquisa” de intelectuais brancos que abordavam a realidade negra. Ao decidir sair da invisibilidade e falar sobre si, os comentários racistas tomam conta do salão, afinal de contas o “Século das Luzes” nos delegou uma perspectiva animalizada, somos não sujeitos capazes de narrar a nossa própria história. Embora o tempo tenha passado, esse cenário hoje adquiriu uma nova roupagem, pois ao tentarmos falar sobre o genocídio do povo negro, os baixos níveis de escolaridade, os subempregos ocupados pela maioria negra, somos acusados de população “mimimi”⁶. É incrível observar que a mesma modernidade que nos calou, nos invisibilizou e até nos apagou, continua viva e forte tentando nos calar a todo instante.

A figura 01 foi elaborada para tentarmos observar a influência dos padrões de beleza estabelecidos como hegemônicos sobre as mulheres negras. A partir dos dados coletados, constatamos que 50% das mulheres responderam não seguir padrões de beleza. Esse dado foi bastante significativo para a nossa pesquisa, pois simboliza que algumas armadilhas do passado, as quais apregoavam a beleza da mulher branca como único modelo a ser seguido, passam por transformações, embora as heranças da modernidade estabeleçam a mulher branca como símbolo de beleza ocidental. Entretanto, não podemos destacar as experiências passadas das nossas interlocutoras, pois em diversos momentos, antes de reconhecerem a sua beleza, realizaram múltiplas tentativas de se tornarem parte da maioria da estética modeladora.

⁶ Para os autores, o termo “mimimi” é utilizado para diversos fins, mas ultimamente vem sendo largamente usado por grupos conservadores quando alguma categoria minoritária reivindica alguma mudança estrutural ou aponta as diferentes formas de exclusão. Através dessa expressão, muitos argumentam que vivemos em uma sociedade “onde todos conseguem o que querem” bastando apenas um pouco de esforço, ao invés de “mimimi”.

Figura 01 - Mulheres negras que seguem o padrão de beleza hegemônico



Fonte: os autores, 2021.

Não podemos desconsiderar o quão difícil é estarmos inseridas em uma sociedade que, de certa forma, cobra um padrão de beleza e julga aquelas mulheres que se desviam dessa linha padronizada, europeia ou do “mundo branco”. Afinal, a autocobrança estética e de aceitação começa precocemente, antes mesmo da mulher se entender e se identificar com a sua negritude. Porém, ao falar da beleza negra, através da fala de Amanda observamos novas narrativas, pois

além de estar em paz com minha imagem, que é algo que está para além de padrões sociais, sinto uma segurança intelectual maior. O fato de olhar com mais carinho para meu espaço de autocuidado também colabora positivamente, nesse sentido (AMANDA, 2021).

Além dos 50% de mulheres que declararam não seguir o padrão de beleza hegemônico, consideramos importante destacar os 40% que o julgaram subjetivo. A subjetividade, de acordo com o nosso olhar, remete à existência de múltiplas possibilidades de se sentirem belas, não corroborando a adoção de um único modelo. Ao dialogarmos com Meinig (2002), observamos que diversificados olhares, formados a partir da trajetória e vivência dos sujeitos, podem ser estabelecidos sobre uma mesma cena ou até sobre um determinado fenômeno.

Silva e Pimentel, *As heranças da modernidade e o cheiro da mulher negra: a ressignificação dos aromas e a cicatrização de feridas*

Ao verificarmos que uma parte significativa das nossas interlocutoras consideram a beleza como algo subjetivo, constatamos, ao longo de suas trajetórias, que essas mulheres interiorizam perspectivas diretamente relacionadas ao modelo proposto pela modernidade. Ao pensarmos a multiplicidade de belezas estabelecidas pela modernidade tardia, percebemos uma espécie de reconciliação interna em diversas mulheres, o que as conduz a repensarem a sociedade a partir de um único olhar. As mulheres que declararam o modelo de beleza como algo subjetivo associam os padrões à autoestima. Para elas, de certa forma, houve uma reconciliação interna. Falamos disso, pois a partir do momento que o padrão de beleza não as incomoda mais, a ponto de querer constantemente mudar suas feições e suas formas, consideramos que a autoestima delas está configurada em um modo de aceitação de si mesmas.

Não menos importante, ao observamos que apenas 10% das interlocutoras adotam o modelo dominante, evidenciamos que as heranças da modernidade ainda se fazem presentes no nosso cotidiano, ditando regras e determinando o aceito e o não aceito. Dessa forma, embora estejamos vivenciando diversas transformações, o binômio bonito/feio ainda continua aprisionando muitas mentes e determinando que as mulheres sigam padrões de beleza que as aproximem da branquitude, conforme destaca Fanon (2008), e isso tenta modificar ou realizar tratamentos, principalmente, sobre o cabelo e corpo.

Não queremos exercer o papel de juízes, uma vez que somos julgados a todo instante, e não queremos aqui colocar que seguir modelos e padrões é certo ou errado. Temos a certeza de que uma mulher negra alisar seu cabelo não vai deixá-la “menos negra”, já que ela possui a liberdade de seu corpo e plenitude de suas escolhas. Acreditamos ainda que se ela se sente bem ao seguir esse modelo, não devemos aqui invalidar sua negritude criando um padrão de negritude, pois se fizéssemos isso, sem sombra de dúvidas, reproduziríamos os aspectos da modernidade a partir de uma nova perspectiva.

Silva e Pimentel, *As heranças da modernidade e o cheiro da mulher negra: a ressignificação dos aromas e a cicatrização de feridas*

Doi: 10.51308/continentes.v1i21.351

Optamos por abordar, inicialmente, a questão da beleza devido aos impactos que a modernidade promove ao construir hierarquias e determinar padrões através da colonialidade do ser. Apesar das nossas interlocutoras não adotarem o modelo hegemônico, ainda hoje a autoestima de diversas mulheres é profundamente afetada por ele. Uma das interlocutoras desenha essa fragilidade da autoestima da mulher negra de modo bem certo, pois

ao meu ver, as características essenciais incluem elegância, autocuidado, vibração de felicidade, sentir-se bem consigo mesma e intelecto. Acredito que beleza vá além de padrões culturalmente impostos. Que tem a ver com autoestima pessoal, independente dos formatos corporais e imagem. No entanto, socialmente falando, não há como negar a presença da interferência de padrões na construção pessoal. Esporadicamente, quando me vejo frente a problemas de autoestima, geralmente tem a ver com isso. Ainda que ocorra com pequena incidência nos meus dias atuais, o enfrentamento a uma demanda social externa, baseada em imagens estéticas espelhadas em modelos de branquitude, ainda me surge como um desafio (AMANDA, 2021).

Fanon (2008) conduz essa complexidade da autoestima e a associa ao complexo de inferioridade. E o destaca como um mecanismo de dominação implementado pelos colonizadores com a tentativa de enaltecê-los e nos colocar no fim da base hierárquica. O autor ainda complementa que, ao sermos colonizados, em nós nasceu esse complexo, uma vez que o sepultamento de nossa originalidade cultural nos submete às ações tomadas à linguagem da nação civilizadora. Dessa forma, “quanto mais o colonizado assimila valores culturais da metrópole, mais ele escapará da sua selva” (FANON, 2008, p. 34).

Se o “Século das Luzes” para muitos representou a criação de um Olimpo, para a população negra e, em especial, para a mulher negra houve a produção do sentimento de lixo, conforme abordou Gonzalez (1984), interferindo diretamente em nossas vidas e provocando em muitas mulheres um grande complexo de inferioridade. O brilhar de um

Silva e Pimentel, *As heranças da modernidade e o cheiro da mulher negra: a ressignificação dos aromas e a cicatrização de feridas*

novo período, pautado pelo pensamento racional, proporcionou atos dignos de uma profunda irracionalidade, subalternizando nossos comportamentos, culturas e vivências, de modo a naturalizar a nossa inferioridade. Para Fanon (2008),

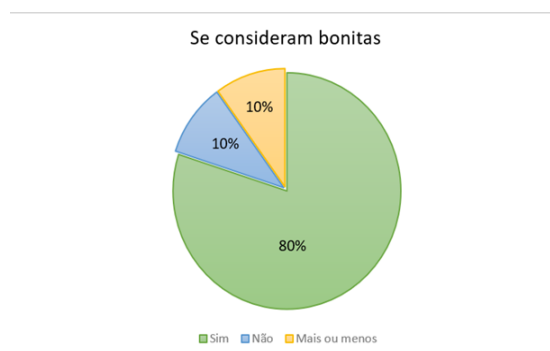
o problema é saber se é possível ao negro superar seu sentimento de inferioridade, expulsar de sua vida o caráter compulsivo, tão semelhante ao comportamento fóbico. No negro existe uma exacerbação afetiva, uma raiva em se sentir pequeno, uma incapacidade de qualquer comunhão que o confina em um isolamento intolerável (FANON, 2008, p. 59).

370

O “Século das Luzes” nos conduziu a uma verdadeira escuridão e por isso, segundo Fanon (2008), o negro pretende encontrar saídas no mundo branco para então retomar seu ego, associando-se à branquitude. Apesar de buscarmos um diálogo que tente superar as heranças da modernidade, não podemos desprezar a sua influência no cotidiano de diversas mulheres, principalmente, quando ouvimos que “apesar de negra, é bonita”.

Embora as entrevistadas se reconheçam como mulheres que fogem ao padrão hegemônico, de uma forma geral elas não negam que “ainda hoje, exige-se os padrões de beleza em diversas espacialidades”, sendo nossos corpos ainda associados ao lixo e ao mau cheiro. A figura 02 busca demonstrar que não atender os critérios de beleza branco é um desafio ou até mesmo um desacato. No entanto, é necessário construir, ainda que em pequenos passos, a nossa autoestima, nossa liberdade de escolha para sermos mulheres que se sintam satisfeitas ao se olharem em um espelho.

Figura 02 - Mulheres negras que se consideram bonitas



Fonte: Os autores, 2021.

Embora nos tenham delegado o papel de lixo, através das nossas interlocutoras questionamos a voz que determinava uma única verdade, a qual representava dispositivos de poder responsáveis pela marginalização dos nossos corpos. O cheiro presente neles e nas espacialidades do excluídos precisa ser repensado e ressignificado, pois ao nos considerarmos belas, conforme demonstra a figura 02, declaramos que nossos corpos não trazem consigo somente as marcas de um período colonial, em que eram desprezados pelo cheiro e, ao mesmo tempo, fetichizados. Essa essência perpetuada pela modernidade deve ser reinterpretada, pois o corpo negro feminino possui representatividade, exala a sabedoria da nossa ancestralidade e demonstra inteligência para “calar a boca” da sociedade para que esta não determine a cor da pele como uma fronteira.

Querem nos “comer”, mas não querem nos assumir: A Economia do Desejo e o Corpo da Mulher Negra

Embora a mulher negra busque romper com os paradigmas oriundos da modernidade, algumas heranças do Brasil Colônia ainda nos assombram, porque ao mesmo tempo em que o cheiro da mulher é [re]significado, ainda continua a ser associado a fetiches presentes em uma sociedade patriarcal. Gonzalez, em sua trajetória acadêmica e de

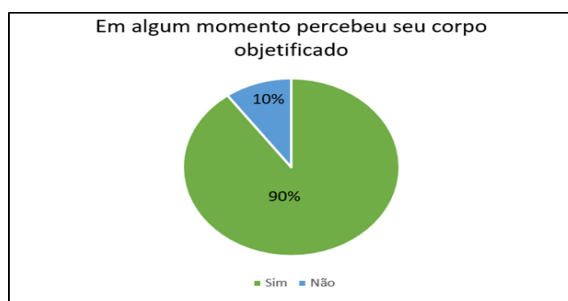
Silva e Pimentel, *As heranças da modernidade e o cheiro da mulher negra: a ressignificação dos aromas e a cicatrização de feridas*

vida, retrata de modo realista a dualidade que a mulher negra traz consigo: sexismo e racismo.

Por isso, para direcionar o nosso debate, inicialmente, realizamos a seguinte indagação: Teríamos nós, mulheres negras, um lugar que a sociedade nos endereçou a partir de uma perspectiva essencialista? Apesar de muitos alegarem que o questionamento não tem fundamentos, infelizmente, através da fala das nossas interlocutoras, percebemos que nossos corpos são direcionados para lugares que nos ocultam, os quais nos fazem invisíveis, apesar de termos nossos corpos desejados.

Ao elaborarmos a figura 03, observamos que, muitas vezes, os olhos os quais desnudam a mulher estão direcionados somente às mulheres negras. Conforme aponta Teixeira e Queiroz (2017), os corpos delas reproduzem fetiches e desejos sexuais, já que no período escravocrata o corpo da mulher negra era exposto para ser comercializado. Atualmente, ele é exibido para ser consumido e satisfazer vontades estabelecidas pela economia do prazer.

Figura 03 - Em algum momento percebeu seu corpo objetificado?



Fonte: Os autores, 2021.

A figura 03 retrata a realidade vivida pelas nossas interlocutoras, pois 90% das entrevistadas afirmam já terem percebido que seus corpos foram objetificados. Por conta de olhares e palavras direcionados aos corpos das mulheres negras, torna-se difícil não ter a percepção de que o corpo é simplesmente visto como uma fonte de prazer. Em outras palavras, adquirir o entendimento sobre a objetificação dos corpos nos leva

Silva e Pimentel, *As heranças da modernidade e o cheiro da mulher negra: a ressignificação dos aromas e a cicatrização de feridas*

a pensar que os nossos corpos servem apenas para preencherem o espaço da cama. Segundo Mbembe (2014, p. 194), “para a maioria dos brancos o negro representa o instinto sexual não domesticado.”

Torna-se interessante retratarmos que a forma como o corpo da mulher negra é vista remete diretamente aos diversos aspectos da casa grande e da senzala, pois a mesma escravizada que era desprezada servia para satisfazer os desejos do senhor de engenho e do “sinhozinho”. Para Morrisson (2019, p. 31), “hoje em dia isso seria chamado de estupro; na época chamava-se *droi du seigneur*, o direito do senhor.” O que nos assusta é observarmos que muitos homens ainda reproduzam essas heranças e até o momento associem o cheiro da mulher negra ao corpo hipersexualizado. De modo sucinto, Kilomba (2019) nos lembra que os corpos são desejados ao mesmo tempo em que eles são a representação daquilo que a sociedade branca empurra para o lado, chamando de ameaçador, proibido e perigoso.

Os impactos e traumas que os corpos sentem ao serem objetificados fazem com que as “feridas” constantemente “sangrem” e não “cicatrizem”. Isso pode ser observado a partir da fala da nossa interlocutora Regina:

Eu vivi algumas situações de abuso sexual na infância por um sujeito da família. Vivências que me deixaram desconfortável com o fato de eu ser mulher. Quando meu corpo foi se desenvolvendo e ganhando mais forma, por medo de ser percebida, eu me vestia com roupas mais largas e fechadas, tudo para que meus seios, pernas e bunda não fossem vistos. Odiava minhas formas voluptuosas. Até hoje eu ainda carrego uma certa timidez para trazer um pouco mais da nudez do meu corpo, com decotes mais expressivos e roupas mais curtas. Não penso que as pessoas de maneira geral me tratem de maneira sexualizada, mas há o medo e o desconforto de não ser respeitada (REGINA, 2021).

Para as mulheres, as aproximações masculinas maliciosas e a invasão em seus corpos, através de atos sexuais forçados ou ao serem desnudadas ao vestirem um determinado

Silva e Pimentel, *As heranças da modernidade e o cheiro da mulher negra: a ressignificação dos aromas e a cicatrização de feridas*

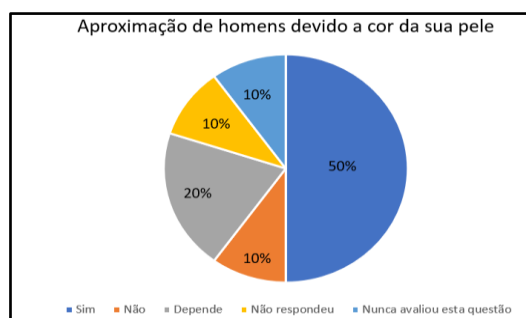
Doi: 10.51308/continentes.v1i21.351

modelo de roupa, infelizmente não é algo que passamos a ter contato ontem ou hoje. O legado do patriarcado é pesado e não mede esforços para atingir seus objetivos de exploração de um corpo feminino. Procurar formas para esconder seu corpo foi a solução encontrada por Regina para tentar frear olhares e palavras que retratam a masculinidade dominante, grande responsável pelo desrespeito e desconforto a diversas mulheres.

Para nossas interlocutoras, o olhar masculino é capaz de despir uma mulher na rua, proporcionando desconforto e insegurança. Por isso, muitas alegam não se sentirem seguras em diversas espacialidades, pois onde quer que estejam seus corpos são vítimas de ações invasivas ou agressivas. Isso nos faz lembrar de um momento horrível em que estávamos em um bar, quando um desconhecido, ao observar uma mulher com um short curto, sem pensar duas vezes, proferiu a seguinte frase: *“a mulher sai de casa com um short desse e depois quer reclamar se alguém agarrá-la”*. Isso nos leva a crer que ainda hoje o direito do senhor se faz presente no imaginário de diversos homens, submetendo muitas mulheres, principalmente as negras, a experiências traumatizantes.

As figuras 04 e 05 foram elaboradas com o objetivo de demonstrar que, apesar de nos sentirmos belas e não correspondermos ao conceito de lixo associado pelo binômio colonialidade/modernidade, muitos homens ainda se aproximam devido à cor ou sexualização da nossa pele.

Figura 04 - Aproximações dos homens pela cor da pele negra

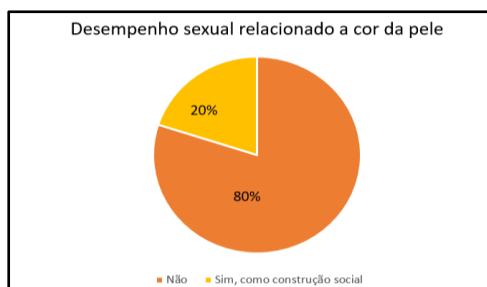


Fonte: Os autores, 2021.

Silva e Pimentel, *As heranças da modernidade e o cheiro da mulher negra: a ressignificação dos aromas e a cicatrização de feridas*

Doi: 10.51308/continentes.v1i21.351

Figura 05 - Desempenho sexual relacionado à cor da pele



Fonte: Os autores, 2021.

Durante o Brasil Colônia, ao corpo negro foi designado um papel subalternizado, pois, comparado a um animal e, completamente, desumanizado, atendia apenas aos interesses dos seus senhores. Este corpo objetificado buscava resistir e servia apenas para ser explorado de diferentes formas, que vão desde o trabalho pesado ao estupro colonial. Nesse período, os dispositivos de poder já se faziam presentes e decidiam quem poderia viver e quem deveria morrer. Diante de tamanha desumanização do corpo negro, a mulher negra sentia na pele o sofrimento diante da objetificação do seu corpo, dentro ou fora da casa grande. Para Passos (2020),

as práticas discursivas racistas e sexistas propagam no imaginário social a concepção de que as mulheres negras possuem uma capacidade de suportar a dor muito maior do que as outras. Dessa maneira, produzem-se processos de subjetivação que são marcados por essa fantasia e que resultam em intenso sofrimento psíquico, que têm, na maioria das vezes, a medicalização da subjetividade como resposta (PASSOS, 2020, p. 122).

Diante das fantasias coloniais, a animalização diante da dor é outro elemento que chamou a nossa atenção. Embora a dor física não seja o elemento central do nosso estudo, não podemos pormenoriza-la, já que também promove feridas físicas e psíquicas diante de um corpo desprezado e estereotipado, conforme os interesses dominantes. Ter o corpo hipersexualizado é um aspecto que utiliza outras roupagens na

Silva e Pimentel, *As heranças da modernidade e o cheiro da mulher negra: a ressignificação dos aromas e a cicatrização de feridas*

contemporaneidade, porém sempre possui o mesmo pano de fundo. Gonzalez (1984) questiona esses fatos da formação cultural do Brasil, pois

por aí se vê que o barato é domesticar mesmo. E se a gente detém o olhar em determinados aspectos da chamada cultura brasileira a gente saca que em suas manifestações mais ou menos conscientes ela oculta, revelando, as marcas da africanidade que a constituem. (Como é que pode?) Seguindo por aí, a gente também pode apontar pro lugar da mulher negra nesse processo de formação cultural, assim como os diferentes modos de rejeição/integração de seu papel (GONZALEZ, 1984, p. 226).

376

Os aspectos acima destacados representam de forma notória como o imaginário masculino afeta a realidade feminina, pois este continua a realizar um conjunto de objetificações e a animalização do corpo da mulher negra, conforme apontaram 80% das nossas interlocutoras na figura 04. A sociedade ainda naturaliza esse tipo de comportamento masculino, isentando-o de culpas. E como diz Gonzalez, “o barato” disso tudo é que, novamente, o homem que está sexualizando a negra na cama, recorrendo às suas roupas, ao cheiro de suas roupas para se realizarem com suas esposas, é o mesmo que marginaliza toda essa classe de mulheres negras.

Precisamos encarar nossos próprios caminhos e nos deparamos com os mesmos problemas do passado porque somos ensinadas a caminhar e permanecemos caladas, afinal de contas tudo isso é “normal” e com o tempo aprenderemos a lidar melhor com tal situação. Não corroboramos tal posicionamento, pois nenhuma mulher tem que aprender a lidar com a mágoa e a ferida de ter sido abusada quando criança ou confundida inúmeras vezes com a vendedora da feira ou, de modo pior, deixar de ser atendida em uma loja.

Para Kilomba (2019), as experiências do racismo cotidiano são traumáticas. Através da fala de Amanda, vemos que as marcas se fazem presentes no corpo de muitas mulheres. Ao compartilhar suas vivências e suas dores de modo assertivo, conseguimos visualizar

Silva e Pimentel, *As heranças da modernidade e o cheiro da mulher negra: a ressignificação dos aromas e a cicatrização de feridas*

inúmeras mulheres com histórias semelhantes a de Amanda. Ela traz junto aos seus relatos de vida a questão que complementa nossas incertezas de aproximações masculinas, o receio e a realidade de sermos preteridas ou descartáveis. Para ela, ser uma mulher negra

é um atrativo sexual. Acredito que o fato de corpos negros serem hipersexualizados faz com que homens se aproximem prioritariamente para relações sexuais. No entanto, para relações mais aprofundadas, ocorre o contrário. Já me senti preterida por diversas vezes, em comparação com mulheres brancas, nas escolhas masculinas para esse tipo de relacionamento mais durável e palpável (AMANDA, 2021).

Seguindo a mesma perspectiva e de modo a deixar mais explícita essa relação masculina com o corpo feminino negro, Elena nos diz que “às vezes sua cor chega antes do seu corpo”. Os dispositivos de poder, que regem a sociedade e os sujeitos, subalternizam e oprimem mulheres, sendo também responsáveis por terem transformado o corpo da mulher negra em um simples atrativo sexual. Para Kilomba (2019),

parece que só se pode existir através de uma imagem alienada de si mesma/o. O momento em que o sujeito negro é inspecionado como um objeto de fetiche, um objeto de obsessão e desejo é descrito por Frantz Fanon como um processo de "despersonalização absoluta" (1967, p. 63), pois o sujeito negro é forçado a desenvolver um relacionamento com o eu e a performar o eu que tem sido roteirizado pelo colonizador, produzindo em si mesmo a condição, internamente dividida, de despersonalização (KILOMBA, 2019, p. 119).

Quando Amanda e Elena descreveram a sensação de serem preteridas em relacionamentos duradouros, elas compartilham o ferimento e a dor do desprezo por serem reduzidas a atrativo sexual. Abordar a temática simboliza confrontarmos a nossa própria existência, representa um grande exercício de coragem à medida que, ao tocarmos nossas feridas, colocamos o nosso “próprio sangue” em cada página escrita. Mesmo assim, não nos calaremos e nem deixaremos que outros falem por nós. Debater

Silva e Pimentel, *As heranças da modernidade e o cheiro da mulher negra: a ressignificação dos aromas e a cicatrização de feridas*

sobre o cheiro hipersexualizado, conforme Gonzalez (1984), implica em não mais aceitarmos a subserviência e a exclusão, por isso,

sentimos a necessidade de aprofundar nessa reflexão, ao invés de continuarmos na reprodução e repetição dos modelos que nos eram oferecidos pelo esforço de investigação das ciências sociais. Os textos só nos falavam da mulher negra numa perspectiva sócio-econômica que elucidava uma série de problemas propostos pelas relações raciais. Mas ficava (e ficará) sempre um resto que desafiava as explicações. E isso começou a nos incomodar. Exatamente a partir das noções de mulata, doméstica e mãe preta que estavam ali, nos martelando com sua insistência (GONZALEZ, 1984, p. 225)

Ao sermos consideradas como lixo, fazemos a seguinte indagação: qual o espaço do lixo? Respondendo a esta pergunta, percebemos que ao mesmo tempo em que o cheiro do lixo remete à sexualidade, ele também se refere à exclusão dos corpos. Tal como acontecia no Brasil Colônia, hoje nos deparamos com uma realidade próxima, pois o corpo desejado e que deve ocupar o espaço da cama como um objeto é aquele que ocupa espacialidades marginais ao longo da sua trajetória.

Ao pensarmos sobre o lixo, observamos que ele é frequentemente descartado, o seu cheiro incomoda, o acúmulo gera mal-estar. Sempre queremos jogar o lixo fora, pois não é concebível socialmente o lixo ficar aglomerado em casa ou na esquina e alguém precisa retirá-lo para melhorar a imagem do ambiente. Nesta mesma percepção, eles nos retiram das ruas, das escolas, faculdades, lojas e empregos. Não podemos incomodar a paisagem, deixar com um ar sujo, sendo assim, somos usadas e, muitas vezes, descartadas para um lugar mais distante, escuro, separado do que é bom e branco. Somos jogadas para a escuridão, conforme destaca Ribeiro (2018), pois

mulher negra não é humana, é a quente, a lasciva, a que só serve para sexo e não se apresenta à família. Também é o grupo mais estuprado no Brasil, já que essas construções sobre seus corpos servem para justificar a violência que sofrem. “Qual o problema

Silva e Pimentel, *As heranças da modernidade e o cheiro da mulher negra: a ressignificação dos aromas e a cicatrização de feridas*

Doi: 10.51308/continentes.v1i21.351

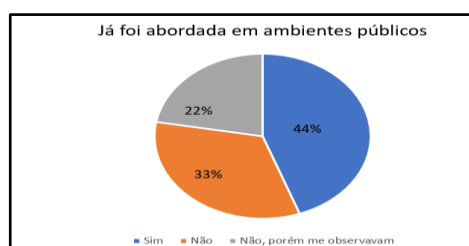
em passar a mão? Elas gostam” é a ideia reinante (RIBEIRO, 2018, p. 120).

O verdadeiro odor da pele negra: podem até tentar ocultar mas, agora já era, o lixo resolveu falar e sentir o seu cheiro

Constantemente ouvimos colegas dizerem não ser, mas que conhecem alguém racista que fala: “somos todos humanos”. O interessante é que falam isso de forma confiante e reproduzem as diversas perspectivas do racismo em seu cotidiano. Diante de barreiras visíveis e invisíveis que se apresentam para a mulher negra, ainda somos consideradas seres inferiores e, conseqüentemente, corpos abjetos em diversas espacialidades. De acordo com nossas interlocutoras, olhares e abordagens demonstram nitidamente que o “direito de ir e vir” é cerceado em diversos momentos.

379

Figura 06 - Já foi abordada em ambientes públicos



Fonte: Elaborada por Laís Gabriela da Silva, 2021.

Por isso, 66% das mulheres negras, de acordo com a figura 06, já foram abordadas ou vigiadas em ambientes considerados públicos, espaços estes onde “todos” possuem o direito de ir e vir. Segundo a nossa vivência, que dialoga diretamente com a das nossas interlocutoras, esse processo ocorre sempre que somos consideradas ameaça para a “sociedade de bem”, afinal enegrecer determinadas espacialidades vai de encontro aos princípios que regem uma sociedade racializada.

Em uma fala recente, Lilian Aragão, influencer e esposa do comediante Renato Aragão que é muito famoso por ter interpretado o papel de “Didi” em um programa que marcou muitas gerações, fez uma fala em suas redes sociais sobre os aeroportos, alegando que,

Silva e Pimentel, *As heranças da modernidade e o cheiro da mulher negra: a ressignificação dos aromas e a cicatrização de feridas*

Doi: 10.51308/continentes.v1i21.351

atualmente, “os aeroportos parecem rodoviárias”⁷. É interessante ressaltar que não foi a primeira vez que ouvimos comentários desse tipo. A apresentadora Ticiane Pinheiro também chegou a proferir as mesmas palavras, declarando que o “aeroporto virou rodoviária”⁸. Através desses discursos, observamos que ainda hoje a casa grande, além de objetificar nossos corpos, procura associá-los a espaços subalternizados.

Não é vitimismo ou “mimimi”, mas essa é a realidade vivida pela população negra em nosso país. O relato da interlocutora Bianca retrata muito bem o papel que nos é delegado. Ao afirmar que já vivenciou abordagens e olhares desconfiados ou até mesmo a subalternização do seu corpo, ela declara que “principalmente em feiras livres, pensam que estou trabalhando. Quanto a me seguirem em lojas, sempre percebo a necessidade das vendedoras em me dar uma cestinha e sinto que isso ocorre para os produtos ficarem visíveis”. Para Gonzalez (1984),

Por que? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criancice, etc. e tal. Daí, é natural que seja perseguido pela polícia, pois não gosta de trabalho, sabe? Se não trabalha, é malandro e se é malandro é ladrão. Logo, tem que ser preso, naturalmente. Menor negro só pode ser pivete ou trombadinha (Gonzalez, 1979b), pois filho de peixe, peixinho é. Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada. Portanto têm mais é que ser favelados. (GONZALEZ, 1984, p. 225)

A partir da citação, observamos que a herança escravocrata e a modernidade criam um espaço específico para a mulher negra. Desta vez não estamos falando da cama, mas da

⁷ Fonte: Revista Marie Claire (online). Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Celebridades/noticia/2019/05/lilian-aragao-reclama-de-publico-de-aeroporto-parece-rodoviaria.html>. Acesso em: 10 abr. 2021.

⁸ Fonte: Jorna Extra (online). Disponível em: <https://extra.globo.com/famosos/ticiane-pinheiro-criticada-apos-dizer-que-aeroporto-virou-rodoviaria-23464421.html>. Acesso: 10 abr. 2021.

Silva e Pimentel, *As heranças da modernidade e o cheiro da mulher negra: a ressignificação dos aromas e a cicatrização de feridas*

Doi: 10.51308/continentes.v1i21.351

cozinha, do ônibus, da favela ou até mesmo do baixo meretrício. Ao nos designarem essa espacialidade, somos afastadas a todo instante de espaços de poder, os quais são comprovadamente brancos. Nossa entrevistada Amanda declara que esse processo de exclusão é ainda pior quando se está em uma loja para pessoas com elevado poder aquisitivo:

confesso que ainda me sinto mal ao entrar em ambientes comerciais tidos como de "alto padrão". Por mais que eu me esforce, às vezes ainda sinto a sensação de ser um peixe fora d'água, como se aquele local não fosse feito para mim. Geralmente, não entro em lojas requisitadas se não estiver bem-vestida, por exemplo. Já recebi olhares e comentários pejorativos nesses locais por causa da minha cor; por isso sinto uma espécie de "obrigatoriedade" de estar bem apresentável para ser minimamente aceita (AMANDA, 2021).

Embora paradoxal, o cheiro do desejo se transformou no cheiro da repulsa, da desconfiança e do medo. O corpo que é seguido como um objeto a ser conquistado, é aquele que é detido por ser considerado delinquente, com forte atração para a criminalidade. Mesmo que tenhamos deixado o colonialismo há bastante tempo, a colonialidade das mentes ainda mantém viva a "bestialização" dos nossos corpos. Seja no calar da noite, quando somos desejadas, ou à luz do dia, quando somos rejeitadas, as fronteiras territoriais invisíveis continuam a fazer parte do viver diário.

Outra espacialidade que merece destaque é a universidade, pois para Birman (2019), ela é considerada um espaço marcado pela arrogância e pela manutenção de hierarquias criadas pela modernidade, fazendo com que a soberba seja um importante elemento do recorte espacial em destaque. Para ele, a impossibilidade de aceitação/reconhecimento da diferença promove a perpetuação da hierarquia e das relações de poder entre indivíduos, grupos, segmentos e classes sociais, que constituiriam as coordenadas de base para a experiência da arrogância. A figura 07 tem o objetivo de demonstrar o quanto nossa inteligência ainda é questionada no espaço acadêmico.

Silva e Pimentel, *As heranças da modernidade e o cheiro da mulher negra: a ressignificação dos aromas e a cicatrização de feridas*

Figura 7 - A faculdade e suas formas de exclusão



Fonte: os autores, 2021.

Em um espaço marcado pelas hierarquias da modernidade, enfrentar as diversas situações racistas se faz necessário. É importante não coadunar com posicionamentos que invalidam a nossa capacidade de produzirmos conhecimentos nas mais diversas ciências. A incompetência para pensar, a ausência de habilidades e a animalização dos corpos ainda vêm provocando o “sangramento de feridas” e dificultando as suas “cicatrizações”.

Nove dentre as dez mulheres que se disponibilizaram a responder o questionário estão diretamente ligadas ao meio acadêmico e trazem em seus corpos as marcas produzidas pelo processo de exclusão que ocorre nesses espaços. A nossa interlocutora Regina retratou um episódio em que suas falas foram invalidadas e sua capacidade questionada:

Minhas medidas de levar o caso para o colegiado foram consideradas extremistas e exageradas. Minha sanidade foi contestada, com sugestões de que o ramo da psicologia poderia trazer explicações sobre minha postura. Minha fala, inteligência, linha de raciocínio e escrita foi apontada como emotiva, não apenas no caso em que estávamos levantando, mas comparada com outros momentos de minhas falas/escritas públicas, por um professor que pesquisa negritudes e representatividade (REGINA, 2021).

O ambiente acadêmico ainda reproduz a exclusão, embora as universidades públicas do Brasil tenham se tornado mais plurais devido à política de cotas, um sistema que

Silva e Pimentel, *As heranças da modernidade e o cheiro da mulher negra: a ressignificação dos aromas e a cicatrização de feridas*

pretende diminuir desigualdades sociais e anular algumas fronteiras para os negros. A universidade ainda possui uma estrutura interna europeia e, muitas vezes, machista, em que as mulheres têm sua inteligência colocada em questão.

Por isso, infelizmente, a inteligência do negro sempre é colocada à prova, questionada ou posta em dúvida. Porém, ao pensarmos a partir de uma perspectiva interseccional⁹, observamos que no mundo feminino e negro esse problema se multiplica pelo fato de que, além de racializada, as questões no espaço acadêmico também serem generificadas. Para Fanon (2008),

era o professor negro, o médico negro; eu, que começava a fraquejar, tremia ao menor alarme. Sabia, por exemplo, que se um médico negro cometesse um erro, era o seu fim e o dos outros que o seguiriam. Na verdade, o que é que se pode esperar de um médico preto? Desde que tudo corresse bem, punham-no nas nuvens, mas atenção, nada de bobagens, por preço nenhum! O médico negro não saberá jamais a que ponto sua posição está próxima do descrédito. Repito, eu estava murado: nem minhas atitudes polidas, nem meus conhecimentos literários, nem meu domínio da teoria dos quanta obtinham indulto. (FANON, 2008, p. 109)

Nos mais diversos âmbitos do nível acadêmico, para muitos, a inteligência negra ainda é inexistente. Ainda somos associados aos espaços que exigem somente a força e o instinto brutalizado, por isso querem sempre ver nossos sorrisos estampados quando duvidam da nossa capacidade de responder a uma pergunta, de realizar um bom trabalho acadêmico ou, até mesmo, de obtermos bons rendimentos acadêmicos¹⁰. Por

⁹ Ver CRENSHAW, Kimberlé. *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*. Tradução: Liane Schneider. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

¹⁰ Ver <https://www2.ufjf.br/noticias/2017/12/19/pesquisa-sobre-politica-de-cotas-demonstra-alto-rendimento-entre-alunos-cotistas/>. Acesso em: 10 de fev. 2021. Ver <https://conexao.ufrj.br/2017/04/26/pesquisa-mostra-bom-desempenho-de-cotistas-mas-discriminacao-continua/>. Acesso em: 10 fev. 2021.

Silva e Pimentel, *As heranças da modernidade e o cheiro da mulher negra: a ressignificação dos aromas e a cicatrização de feridas*

Doi: 10.51308/continentes.v1i21.351

esse motivo, o sentimento de inferioridade, como citado anteriormente por Fanon (2008), pode vir à tona. A fala de Amanda retrata isso muito bem, pois sempre sua competência foi posta à prova:

Percebo que no ambiente acadêmico, por exemplo, minha competência intelectual ocasionalmente fora confundida com minha militância racial. Meus argumentos científicos, hora ou outra, são postos à prova por terceiros, que acreditam que minhas elaborações sempre estão cruzadas por embasamentos muito pessoais e de forte carga psicológica. Com certeza o fato de ser mulher também influi bastante. Isso é exaustivo e já me senti diversas vezes como "impostora", como se a academia não fosse feita para mulheres como eu (AMANDA, 2021).

384

Ter um estudo científico duvidado e descredibilizado é exaustivo, ter opiniões refutadas não pelo conteúdo, mas pelo seu gênero e raça é cansativo e traumatizante. Dói conviver, diariamente, com o racismo explícito nas veias da sociedade e observar que esta tenta naturalizá-lo a todo custo.

Embora a modernidade tenha delegado corporeidades e espacialidades aos nossos corpos, pensar que outras pessoas vieram antes de nós para desnaturalizar a animalidade da pele que habitamos, é um importante passo para que nos vejamos como realmente somos, a fim de que sintamos o nosso cheiro e possamos ocupar determinadas espacialidades por direito. Já que o lixo resolveu falar, além da nossa beleza, ressaltaremos que temos o cheiro da liberdade e sua essência refletida em nós, o que nos dá o direito de realizarmos escolhas.

Sentir-se amada e humana é parte de um lugar onde o amor é oferecido de forma sincera, onde há espaço para fala e escuta. Por isso, embora tratadas como lixo que vive na escuridão e sem capacidade de falar sobre si, foi possível perceber que seu cheiro

Silva e Pimentel, *As heranças da modernidade e o cheiro da mulher negra: a ressignificação dos aromas e a cicatrização de feridas*

Doi: 10.51308/continentes.v1i21.351

exala o odor de mulheres corajosas as quais estão dispostas a ocupar diversas espacialidades e não mais serem escondidas ou subalternizadas.

Para além da humilhação que nós, mulheres negras, estamos expostas desde o Brasil Colônia e da escuridão propiciada pelo “Século das Luzes”, resolvemos não mais sentir o cheiro pelas narinas do colonizador. O lixo, simplesmente, não resolveu falar, mas sim experimentar o seu próprio cheiro e determinar os seus desígnios.

Nossa vida sempre foi atrelada ao sofrimento, à dor e à ausência de direitos e a todo instante os dispositivos de poder continuam a usar seus artifícios para nos apagar. A nossa cultura, considerada primitiva, ainda é rejeitada em diferentes modos e ambientes.

Gilroy (2001) afirma que o racismo se alimenta dessas negações constantes da historicidade africana, negando assim a integridade da nossa cultura. A linearidade criada pela modernidade foi um importante empecilho para que pudéssemos enxergar as riquezas dos nossos ancestrais. Ela colocou vendas em nossos olhos para que não víssemos a beleza da nossa arte e tapou nosso nariz para que não sentíssemos o aroma das nossas culinárias e o cheiro dos nossos corpos.

Graças a Lélia Gonzalez e tantas outras, hoje podemos nos manifestar, usar a nossa voz para expressar nossos desejos e optar por não concordar com situações de violência moral e corpórea. Ao entendermos que nosso cheiro está muito além da concepção criada por homens brancos, cristãos e heterossexuais, decidimos lutar e romper com as visões que nos inferiorizavam e nos submetiam a condições subumanas. Temos o cheiro da coragem!

Ao observarmos a sabedoria de Sueli Carneiro e o trabalho que vem desenvolvendo junto ao *Instituto da Mulher Negra: Geledés*, reforçamos a convicção de que exalamos o cheiro da intelectualidade e que os contratos raciais estabelecidos não poderão nos

Silva e Pimentel, *As heranças da modernidade e o cheiro da mulher negra: a resignificação dos aromas e a cicatrização de feridas*

Doi: 10.51308/continentes.v1i21.351

calar, silenciar e, principalmente, invisibilizar. Os dispositivos de poder podem até tentar nos subalternizar, mas não conseguirão, pois em nós está o cheiro da intelectualidade!

Ao encontrarmos Carolina de Jesus ao longo da nossa trajetória, enxergamos que uma simples mulher, com todas as adversidades possíveis, conseguiu expressar como ninguém a capacidade que uma negra possui de dar sentido a sua própria história. Uma mulher que fora empregada doméstica e catadora de lixo, mas que, apaixonada pela leitura, utilizou a caneta como uma arma capaz de destruir qualquer narrativa proposta pela modernidade. O nosso cheiro está envolto de superação!

E por último, em Ana Beatriz da Silva, também conhecida como Bia Onça, vemos uma mulher negra que, à frente da “Casa das Pretas”, busca [re]construir significados os quais foram naturalizados pela modernidade ao longo do tempo. Para além da academia, Bia Onça coordena projetos que buscam a redução das desigualdades sociais e a inserção de mulheres negras em diversas espacialidades através de práticas insurgentes. Nesse caso, sentimos o cheiro da solidariedade e da irmandade que cruzou o Atlântico e está vivo entre nós.

Considerações Finais

Muitas são as heranças coloniais vivenciadas por nós em pleno século XXI. Ainda hoje, a mulher negra continua a ser subalternizada em diversas espacialidades e, mais que isso, permanece tendo o seu cheiro associado à hipersexualidade dos seus corpos. Assim, continua a ser considerada por muitos como uma mulher quente, boa de cama, com o seu papel resumido ao ato sexual. Afinal, diante da modernidade e da animalização do negro, o sexo sem limites só pode ser obtido a partir do contato com a pele negra.

Desde os estupros realizados durante o Brasil Colônia, as feridas estão abertas e cada vez que uma mulher negra é objetificada, a “ferida sangra” e não “cicatrizada”. Dessa forma, as dores de ter o corpo desprezado e, ao mesmo tempo, desejado ainda é algo

Silva e Pimentel, *As heranças da modernidade e o cheiro da mulher negra: a ressignificação dos aromas e a cicatrização de feridas*

Doi: 10.51308/continentes.v1i21.351

presente no cotidiano de muitas mulheres negras, perpetuando as heranças da modernidade e as feridas em nossos corpos. Afinal, ao ter o corpo objetivado, este é reduzido somente às partes utilizadas para a obtenção de prazer, ou seja, a mulher e todas as suas capacidades são deixadas de lado, principalmente, a capacidade de criar, pensar e decidir.

Ao observarmos que o mesmo cheiro que proporciona o desejo é a causa do desprezo, buscamos olhar a mulher negra a partir de um outro viés, não reproduzindo os aspectos da modernidade, mas mostrando que através de mulheres do passado e do presente o nosso cheiro vai muito além hipersexualidade: o cheiro da mulher negra representa inteligência, sagacidade, solidariedade e beleza. Inspirados em Lélia Gonzalez, esperamos que esse pequeno trabalho contribua para que as mulheres negras enxerguem seu real valor e desejamos que um dia as muitas feridas expostas em nossos corpos sejam cicatrizadas.

Referências

- BIRMAN, Joel. O sujeito da contemporaneidade: espaço, dor e desalento. In: SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari *et al* (org). **Discurso, interlocuções e...** Caxias do Sul, RS: Educs, 2019.
- CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo:** a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero>. Acesso em: 20 jan. 2021.
- CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.** Tradução: Liane Schneider. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: Ed. UFBA, 2008.
- GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência.** Tradução: Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.
- GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira.* In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação:** episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra.** Lisboa: Editora Antígona, 2014.
- MEINING, Donald. O olho que observa: dez visões sobre uma mesma cena. **Revista Espaço e Cultura** nº 13, 2002.
- MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica.** São Paulo: Hucitec, 1986.
- MORRISON, Toni. **A origem dos outros:** seis ensaios sobre racismo e literatura. Tradução: Fernanda Abreu. Prefácio de Ta-Nehisi Coates. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

Silva e Pimentel, *As heranças da modernidade e o cheiro da mulher negra: a ressignificação dos aromas e a cicatrização de feridas*

Doi: 10.51308/continentes.v1i21.351

PASSOS, Rachel Gouveia. Mulheres negras, sofrimento e cuidado colonial. **Revista Em Pauta**, Rio de Janeiro, 1º semestre de 2020, n. 45, v. 18, p. 116-129.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 13. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013.

TEIXEIRA, Maria Santana dos Santos Pinheiro; DE QUEIROZ, Josiane Mendes. **Corpo em debate: a objetificação e sexualização da mulher negra.** Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO_EV072_MD1_SA24_ID402_17072017210303.pdf. Acesso em: 02 mar. 2021.

Data de Submissão: 16/04/2021

Data da Avaliação: 18/10/2021

Silva e Pimentel, *As heranças da modernidade e o cheiro da mulher negra: a ressignificação dos aromas e a cicatrização de feridas*

Doi: 10.51308/continentes.v1i21.351